

# O CONCEITO DE ENUNCIADOR E DE ENUNCIATÁRIO NA TEORIA DE LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN

*Silvano Pereira de Araújo\**

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os estudos com foco nas idéias lingüísticas do grupo de intelectuais russo, denominado “Círculo de Bakhtin” (FARACO, 2003) ou “Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev” (SOUZA, 2002), têm explorado diversas questões. Dentre elas, destacamos:

- a) problemas de tradução (SOUZA, 2002; FARACO, 2003; LIMA, 1997; ANDRADE, 1997);
- b) gêneros do discurso e dialogismo (MACHADO, 1997; FAÏTA, 1997; SOUZA, 2002);
- c) polifonia, construção das vozes (TEZZA, 1997);
- d) enunciação e construção do sentido (BRAIT, 1997);
- e) teoria do enunciado: tema, expressividade, estilos e entonações (SOUZA, 2002);
- f) ideologia e linguagem (SOUZA, 2002; FARACO, 2003);
- g) contribuições da teoria de linguagem de Bakhtin para os estudos lingüísticos (BARROS, 1997) e para o ensino de línguas estrangeira: (ARAÚJO, 1997) e materna (OLIVEIRA, 2001).

Apesar de reconhecermos que as referidas pesquisas têm contribuído para o avanço dos estudos bakhtinianos, acreditamos que ainda existem outras questões que precisam ser esclarecidas. Por exemplo, a problemática do conceito de enunciador e de enunciatário.

Em nossa revisão bibliográfica, verificamos que em sua grande maioria os estudos lingüísticos tratam os interlocutores de maneira periférica, com exceção de Faraco e Negri (1998), que colocam em xeque o conceito de “falante” a partir de uma perspectiva bakhtiniana.

Apesar disso, constatamos que estes autores não discutem os papéis dos interlocutores na construção do sentido, questão central de nossa pesquisa, que será orientada por duas perguntas:

- a) como o enunciador e o enunciatário são representados na teoria de linguagem do Círculo de Bakhtin?
- b) quais os seus papéis no processo de construção do sentido?

O trabalho foi organizado da seguinte maneira: primeiro, discutimos brevemente as críticas que o Círculo faz ao conceito de linguagem e de interlocutor nas duas principais correntes filosófico-lingüísticas em evidência na década de 20 do século passado: o Subjetivismo Individualista e o Objetivismo abstrato. Em seguida, discutimos a proposta de enunciador e de enunciatário do Círculo, com ênfase nos seus papéis no processo de construção do sentido. Concluímos levantando algumas implicações da teoria de enunciador/enunciatário do Círculo para os estudos da linguagem.

## 2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

### 2.1 SUBJETIVISMO INDIVIDUALISTA

O Subjetivismo individualista centraliza a atenção nos atos individuais de fala. Segundo essa corrente lingüística, a língua é o produto da criação individual: intenções, idéias e estilo do locutor.

Volochinov (1992), Bakhtin (2003) questionam os representantes dessa escola, principalmente por reduzirem o complexo processo de comunicação ao plano da “expressão” individual, aos seus aspectos psico-fisiológicos.

Sob esse ângulo, o sentido encontra-se pronto na cabeça do falante – sujeito autônomo; conseqüentemente, as funções do receptor são subestimadas.

### 2.2 OBJETIVISMO ABSTRATO

Enquanto o Subjetivismo individualista privilegia a fala, o Objetivismo abstrato centraliza a atenção na língua enquanto sistema lingüístico abstrato e fechado.

Para essa Escola, a língua é um legado da sociedade que o indivíduo registra passivamente (Saussure,1995). Dessa forma, tanto o indivíduo locutor como o receptor são excluídos do processo de construção do sentido, uma vez que é uma coletividade abstrata que prescreve e normatiza a língua e seu uso.

Volochinov (1992) e Bakhtin (2003) questionam essa visão reducionista que não considera a heterogeneidade dos sujeitos, nem tampouco as suas contribuições para o processo de construção do sentido.

Em síntese, os interlocutores saussurianos utilizam a língua com base em uma competência lingüística homogênea e idealizada que não lhes permite variações sociolingüísticas quaisquer.

## 3 A PROPOSTA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Para entendermos o conceito de linguagem e de interlocutor no Círculo de Bakhtin, é indispensável que nos reportemos ao paradigma de ciência e de linguagem em que o Grupo se inscreve : o materialismo histórico e dialético.

Segundo essa corrente filosófica, o mundo natural e social é um todo coerente em que objetos e fenômenos estão ligados entre si, condicionando-se mutuamente. (GADOTTI, 1995). Outro princípio básico do materialismo dialético é a noção de que tudo se transforma: *a natureza, a sociedade não são entidades acabadas, mas em contínua transformação, jamais estabelecidas definitivamente, sempre inacabadas* (GADOTTI, 1995, p. 25).

Como veremos a seguir, a concepção de linguagem e de sujeito do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev (de aqui por diante CBVM) é inteiramente coerente com os dois princípios acima.

Tendo como pano de fundo essa perspectiva sócio-histórica, Volochinov propõe a seguinte ordem metodológica para a análise dos fenômenos lingüísticos:

- 1) *as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.*
- 2) *as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala*

*na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.*

- 3) *a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual (VOLOCHINOV 1992, p.124)*

Pelo excerto acima, a unidade de base/análise da linguagem não pode ser os atos individuais de fala – como propõe o Subjetivismo individualista – nem tampouco a frase isolada de seu contexto real de realização – como sustenta o Objetivismo abstrato, mas o enunciado concreto que se realiza em um contexto sócio-interacional e histórico preciso..

Sob essa ótica, a linguagem é concebida como uma atividade sócio-ideológica e histórica que se realiza por meio da interação verbal:

*A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação verbal ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (VOLOCHINOV, 1992, p. 123).*

Assim, são refutadas as duas propostas de linguagem discutidas acima, a saber: a) a língua enquanto sistema lingüístico fechado e, b) a língua como atividade psico-fisiológica.

É a partir desse paradigma sócio-interacional de linguagem que o CBVM vai elaborar suas idéias sobre os sujeitos do discurso.

### 3.1 RECONCEITUAÇÃO DOS SUJEITOS

Enquanto o Subjetivismo Individualista e o Objetivismo abstrato definem o falante e o receptor com base em suas propriedades psico-fisiológicas, o CBVM vai concebê-los a partir de suas características sócio-subjetivas e históricas. Isso significa que os interlocutores não desempenham seus papéis discursivos em um vácuo, mas tendo como pressuposto o “contexto sócio-subjetivo” histórico em que se inscrevem.

De acordo com Bronckhart (1999), esse contexto diz respeito ao “quadro das atividades de uma formação social” / “quadro de uma forma de interação comunicativa” que inclui a) o mundo social dos interlocutores: lugar social em que interagem (família, escola, etc), papéis sociais (pai, mãe, cliente, etc), valores e normas sociais e o seu mundo subjetivo (representações sociais).

Nessa perspectiva, os sujeitos são entidades sócio-subjetivas. Isso significa que eles têm uma consciência individual. Porém, essa individualidade é essencialmente social: é formada e opera apenas em sociedade:

*o individuo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico (VOLOCHINOV 1992, p. 58).*

É preciso que ressaltemos que a sociedade concebida pelo CBVM é completamente diferente da prevista pelo Objetivismo abstrato. Ou seja, enquanto Saussure prevê uma

coletividade homogênea e abstrata, o CBVM enfatiza a sua heterogeneidade.

Nessa perspectiva sócio-histórica, a sociedade não é um todo homogêneo, mas essencialmente heterogênea – composta de grupos e classes sociais diferentes (OLIVEIRA, 1996). Os seus membros pertencem a uma geração, têm um nome, uma identidade (STAM, 1992), que os diferenciam dos demais.

Essa heterogeneidade manifesta-se nos enunciados do falante através das diferentes vozes sociais as quais ele assimila, refuta, ampliam, etc. Bakhtin (2003) enfatiza a heterogeneidade discursiva, afirmando que o falante não é o Adão mítico que cria as palavras do nada. Pelo contrário, seus enunciados estão repletos das palavras dos outros.

Assim, os enunciadores são sujeitos dialógicos: *abertos, incompletos; só vivem em relação um ao outro*” (TODOROV, 1981).

Faraco e Negri (1998, p. 167.) denominam esse tipo de sujeito de “realidade heteroglótica”:

*Ele não é entendido como um ente uno vocalmente, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é uma espécie de microcosmo heteroglótico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglossia social.*

Comungamos com a assertiva acima. Porém, enfatizamos que, ao assimilarem as vozes, os falantes o fazem de maneira ativamente responsiva, procurando adequá-las ao seu contexto sócio-histórico específico, utilizando-as de modo a satisfazer as suas necessidades comunicativas e interesses pessoais, o que implica uma apreciação valorativa.

Resumindo, o enunciador e o enunciatário não são entidades autônomas, nem tampouco representantes de uma comunidade linguística homogênea, mas sujeitos ativamente responsivos, situados em um contexto sócio- ideológico e histórico.

### 3.2 PAPÉIS DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Bakhtin (2003) denomina o enunciador e o enunciatário de “sujeitos do discurso” , “parceiros da comunicação discursiva”. Isso implica que o receptor passa a compor a cena comunicativa na condição de sujeito, de agente social e, não mais como um receptáculo vazio, como preconiza o Subjetivismo abstrato.

Nessa perspectiva sócio-interacional, não existe um falante ativo e um receptor passivo: ambos são sujeitos ativamente responsivos, constituem a condição necessária para que o sentido seja construído.

Volochinov ressalta que o significado não pode ser produzido individualmente pelo falante, nem tampouco pelo receptor:

*a significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos (VOLOCHINOV,1992, p. 132).*

Depreendemos, pelo excerto acima, que os interlocutores são co-enunciadores/co-construtores do sentido. Isso significa que a responsabilidade pela construção do sentido é

conjunta. Assim, a relação que se estabelece entre os enunciadores não é de mão única, com prioridade para um dos pólos.

Enquanto os interlocutores saussurianos constroem o sentido apelando para a sua competência gramatical padronizada, os propostos pelo CBVM recorrem a sua competência sócio-pragmática. Assim, o que lhes interessa é a adequação de seus enunciados ao contexto sócio-histórico específico, e não a conformidade à norma lingüística padronizada:

*a consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas. Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldades por procedimentos cognitivos bem determinados. (...) Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (...) para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma lingüística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. (VOLOCHINOV, 1992, p. 92)*

Assim, essa competência sócio-pragmática habilita os enunciadores a ajustarem seus enunciados ao contexto social imediato, isto é, às condições de produção do sentido, principalmente, aos seus interlocutores.

### 3.2.1 ENUNCIADOR

Bakhtin (2003) contradiz as teorias anteriores de interlocutor afirmando que o falante é, antes de tudo, um “respondente”. Assim, suas palavras não são originais, ele não pode criar o sentido do nada. Isso que dizer que a dependência do enunciador em relação ao outro é tamanha que: *não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la a outras posições* (BAKHTIN, 2003, p. 146).

Assim, no momento em que o enunciador assume seu posto no processo de comunicação, ele está, necessariamente, respondendo a enunciados anteriores. Assim, o locutor é um receptor/enunciatário que, em seguida, se torna um locutor. Enfim, os enunciadores são, ao mesmo tempo, locutores e receptores. É a situação de interação que vai definir os papéis.

Ao contrário do Subjetivismo individualista que afirma que o principal objetivo do locutor é "se expressar", Volochnov/Bakhtin asseveram que a sua função principal é se comunicar, o que implica uma parceria com o enunciatário.

Ao longo do processo de construção do sentido o enunciador deve realizar, pelo menos, três atos sócio-pragmáticos a) instaurar o seu interlocutor, b) postular uma compreensão ativamente responsiva e, c) alternar o turno.

- a) instaurar o seu interlocutor – para Bakhtin (2003), o endereçamento, o dirigir-se ao outro, é uma condição necessária para que o sentido seja construído. Sem um interlocutor presumido ou real, não existe linguagem, uma vez que ela é o produto da interação entre os interlocutores;

- b) postular uma compreensão ativamente responsiva – ao instaurar o enunciatário, o locutor deve solicitar, postular uma compreensão ativamente responsiva, ou seja, ele solicita e espera: *uma resposta, uma adesão, uma objeção, concordância, execução de uma ação* (BAKHTIN, 2003, p. 291).

Vale salientar, no entanto, que nessa perspectiva, a eficácia da mensagem do enunciador não depende apenas de sua competência lingüística, mas principalmente de sua competência sócio-pragmática - que o habilita a considerar os interlocutores em todos os passos do embate interativo : negociando, antecipando suas repostas, ajustando-se às suas reações.

- c) alternar o turno – corresponde ao “acabamento” do enunciado (BAKHTIN, 2003). Implica a passagem da palavra para o enunciatário e, acima de tudo, a possibilidade de resposta. Este gesto é de suma importância, uma vez que o sentido só se completa na resposta do outro.

Portanto, o falante bakhtiniano é essencialmente interativo, dependente de seu interlocutor para construir o sentido.

### 3.2.3 ENUNCIATÁRIO

Para o CBVM, o enunciatário é uma entidade sócio-historicamente constituída. Corresponde a uma pessoa ou grupo de pessoas a quem se dirige o enunciador. Pode ser o (s) participante(s) direto do diálogo contemporâneo e / ou o representante médio do grupo social ao qual pertence o enunciador.

Enquanto as teorias anteriores limitam o papel do receptor à percepção psico-fisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial), à mera assimilação do conteúdo, Bakhtin enfatiza que o papel do receptor vai mais além: implica, principalmente, uma compreensão ativamente responsiva:

*De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota, simultaneamente, para com este discurso uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes, já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, de um enunciado vivo (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 2003, P. 290).*

Pelo exposto, o enunciatário bakhtiniano é um sujeito que se caracteriza, principalmente, pela sua responsividade. Contribui para o processo de construção do sentido não apenas com suas palavras, mas também, com suas ações, estratégias comunicativas e posicionamento valorativo.

Nessa perspectiva sócio-interacional, o enunciatário é essencialmente um co-criador, uma vez que:

*O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo novo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa nova que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão de mundo, etc). O dado se transfigura em criado. (BAKHTIN, 2003, p. 348).*

Em síntese, o enunciatário é um sujeito real, situado sócio-historicamente. Assume uma atitude de compreensão ativamente responsiva durante todo o processo de construção do sentido. Assim, seu papel específico central é re-significar: criar um novo sentido a partir de algo dado: uma língua e um sistema ideológico estabelecidos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, cumpre-nos responder às perguntas de pesquisa colocadas na introdução: a) como o enunciador e o enunciatário são representados na teoria de linguagem do CBVM? e, b) quais os seus papéis no processo de construção do sentido?

- a) como o enunciador e o enunciatário são representados na teoria de linguagem do círculo de Bakhtin?

Para o CBVM, a linguagem é uma atividade sócio-ideológica e histórica. Assim, os interlocutores não são entidades abstratas, nem tampouco uma consciência autônoma. Pelo contrário, são sujeitos socialmente organizados. Desempenham seus papéis comunicativos tendo como pano de fundo um contexto sócio-ideológico e histórico que compreende: instituições sociais, quadro de representações e papéis sociais estabelecidos em determinada época.

- b) quais os seus papéis no processo de construção do sentido?

Essa proposta sócio-histórica e dialética de sujeito contradiz os paradigmas tradicionais de falante e receptor que estabelecem uma relação linear e mecanicista entre eles, em que prevalece o poder do locutor sobre o receptor. Isso significa que as funções dos interlocutores não são fixas, pelo contrário, se caracterizam pela alternância, pela reciprocidade das ações – é a situação, o passo a passo da interação que vai determinar que papel os enunciadores devem assumir em cada movimento da micro-interação.

Ao longo do processo de construção do sentido o enunciador e o enunciatário desempenham seus papéis de maneira responsiva, na condição de co-enunciadores, (re)construtores do sentido. Assim, por um lado, o falante instaura o seu interlocutor, postula uma compreensão ativamente responsiva e alterna o turno. Por sua vez, o enunciatário não se limita à assimilação passiva da informação dada. Pelo contrário, sua função é re-significar em seu próprio contexto sócio-histórico, enriquecendo o sentido com sua visão de mundo, experiências pessoais e apreciação valorativa..

Concluindo, gostaríamos de salientar que a teoria de linguagem do Círculo de Bakhtin traz importante contribuição para os estudos lingüísticos na medida em que resgata os papéis do receptor, que passa a compor a cena comunicativa na condição de sujeito, agente ativo, co-autor.

Essa proposta de enunciador e de enunciatário torna-se relevante, ainda, por trazer em seu bojo uma visão ética, comprometida com a livre circulação de idéias, contra opressões hierárquicas e o discurso hegemônico que se caracteriza pelo monologismo de seus enunciadores.

Enfim, o Grupo de intelectuais russo ajuda-nos a entender que e os nossos interlocutores, independentemente de sua classe social, sexo, idade, ideologia, etc, devem ser respeitados, pois, sem eles, não podemos construir o sentido, não existimos enquanto sujeitos de nosso próprio discurso.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. F. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 351-355.
- ARAÚJO, S. P. de. **Abordagens de ensino de língua estrangeira: um estudo sobre os deveres do professor e do aluno**. 1997. 188f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal / Mikhail Bakhtin**; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 – (Coleção biblioteca Universal).
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 27-36.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 91-101.
- BRONCKHART, JEAN-PAUL. Atividade de linguagem, textos e discursos **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- FAÏTA, D. A noção de gêneros discursivo em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 157-177.
- FARACO, C. A.; NEGRI, L. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar edições, 2003.
- FARACO, C. A. O falante: que bicho é esse, afinal? **Letras** Curitiba, n.49, p. 159-170. Editora da UFPR, 1998.
- LIMA, S. Tradução: um diálogo às avessas? In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. (p. 369-379). Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MACHADO, I. A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 141-175.
- OLIVEIRA, M. F. de. **O Pensamento de Bakhtin**. Natal, maio, 1996. (notas de sala de aula da Primeira Semana de Lingüística da UFRN, Natal, RN.).

- \_\_\_\_\_. Relações dialógicas, vozes, instauração do outro e o ensino da produção textual. In : **Boletim da ABRALIN** v.26 – n. Especial – 1, 2001.
- SOUZA, C. A. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedv**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- SAUSSURRE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1995.
- STAM, R. **Bakhtin: da Teoria Literária à Cultura de Massa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- TEZZA, C. A construção das vozes no romance. In: BRAITH, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 219-245.
- TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine: le principe dialogique**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

